

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGAL ANOS QUARENTA

**ESPECTÁCULO/
DOCUMENTÁRIO
EM 10 SEQUÊNCIAS**



editorial CAMINHO

O CAMPO DA PALAVRA

Título: Portugal, Anos Quarenta

Autor: Luiz Francisco Rebello

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: José Serrão

Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho

© Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1983

N.º de edição: 21/83

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: 29 de Junho de 1983

art. 1946

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGAL ANOS QUARENTA

**ESPECTÁCULO/
DOCUMENTÁRIO
EM 10 SEQUÊNCIAS**

**editorial
CAMINHO**

Colecção

O CAMPO DA PALAVRA

Personagens

A família Meneses: MENESES, a MULHER, o FILHO e a FILHA

O COLEGA (SILVEIRA)

O CHEFE DA REPARTIÇÃO (depois CENSOR e PRESIDENTE DA COMISSÃO DISTRITAL DA UNIÃO NACIONAL)

LOCUTOR

REPÓRTER 1 e REPÓRTER 2

SECRETÁRIA

CANTORA DE RÁDIO

COMPANHEIRA

EVA PERÓN

ESTUDANTE

JOVEM

CONDESSA

ORADORA DA UNIÃO NACIONAL

AGENTES DA POLÍCIA

2 AMIGOS

3 OPERÁRIOS (depois 3 MILITANTES)

4 ESPECULADORES

CHEFE DE REDACÇÃO

REDACTOR

ORADOR DO CENTRO ALMIRANTE REIS

2 ESTUDANTES

2 JOVENS

3 PRESIDENTES DE CÂMARA

ORADOR DA OPOSIÇÃO

POPULARES

Estas últimas personagens, bem como as que intervêm nos episódios teatrais, podem ser distribuídas pelos mesmos actores.

Personagens dos fragmentos teatrais incluídos

MULHER DO POVO e COMPÈRE (*Manda Ventarolas!*)
ALFREDO, SR. PEREIRA, D. VIRGÍNIA, CHICO, D. FRANCISCA, TIA RITA, MARIQUINHAS, AUGUSTA e VELHO (*O Zé Povinho*)
CLARA e CARLOS MANNON (*Electra e os Fantasmas*)
PICADOR (*De Fora dos Eixos*)
ACTRIZ (*O Bacalhau a Pataco*)
ENSAIADOR, DELEGADO, PORTEIRO, LISBOA e ZÉ CALADO (*A Travessa da Espera*)
ANTÍGONA (*Antígona e Sempre em Pé*)
COMPÈRE, CHEFE-DE-QUADRO e HOMEM DO COLARINHO (*Se Aquilo Que a Gente Sente*)
ADELA, MARTÍRIO, ANGÚSTIAS, BERNARDA e PÔNCIA (*A Casa de Bernarda Alba*)
FIGURA, ANO NOVO, ANO VELHO e ZÉ DOS CARTAZES (*Ora Agora Viras Tu*)

Portugal, Anos Quarenta, espectáculo-documentário apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian «como actividade adicional da Exposição Arte Portuguesa Anos Quarenta», foi encenado por Carlos Avilez com as colaborações plástica de José Rodrigues e (na supervisão de figurinos) Maria Helena Reis, musical de Jorge Machado, coreográfica de Águeda Sena, fotográfica de Eduardo Gageiro, do elenco do Teatro Experimental de Cascais (António Marques, Carlos Freixo, Cecília Guimarães, Fernando Corte-Real, Ilda Roquete, João Vasco, Luísa Salgueiro, Maria Albergaria, Marília Costa e Paulo B) e do Ballet Gulbenkian.

Do espaço

Este espectáculo foi concebido para um espaço aberto e polivalente (na ocorrência, os átrios da Fundação Gulbenkian), decorrendo a acção/as acções sucessiva ou simultaneamente em diversos lugares, fixos uns e outros variáveis, por forma a permitir a integração activa dos espectadores no percurso efectuado pelas personagens. Mas é possível transportá-lo, com as necessárias adaptações, para um palco tradicional, desde que, bem entendido, um encenador imaginoso saiba encontrar as equivalências para algumas das soluções aqui propostas.

Haverá dois lugares fixos, presentes em todo o espectáculo, um dos quais representa a casa da família Menezes e o outro, alternativamente, a repartição onde o chefe da família trabalha e o café onde se encontra com o colega Silveira. A sinalização destes lugares será feita de modo esquemático, através de mobiliário da época; quanto aos restantes lugares, que serão indicados ao longo do texto, poderá recorrer-se ou não ao mesmo processo, devendo os actores colocar e retirar os móveis e objectos eventualmente requeridos para as diversas cenas.

A luz e o som desempenham um papel fundamental neste espectáculo. Certas zonas de representação, certas

personagens, certos episódios, serão surpreendidos e isolados por focos sobre eles dirigidos, o que tornará mais fácil a multiplicação dos lugares cénicos. Noutras ocasiões todo o espaço estará iluminado. Quanto à banda sonora, é ela uma das personagens principais do espectáculo: trazendo até aos espectadores de hoje a voz dos governantes e as músicas em voga no período que ele evoca, deverá funcionar, em complemento das imagens projectadas, como «material probatório» de um processo cuja decisão final lhes compete tirar. É que não se teve apenas em vista «mostrar» esse período, mas essencialmente «julgá-lo» — e ao comportamento dos que nele intervieram.

Seria desejável a montagem de um circuito de vídeo dispondo de vários écrans distribuídos por todo o espaço de representação, que permitisse a projecção de slides e cenas de filmes nos momentos que forem indicados. Em princípio, as imagens projectadas simultaneamente nos vários écrans deverão ser diferentes umas das outras, ainda que referidas ao mesmo tema.

É importante que todas as personagens vistam os trajes e usem os adereços rigorosamente conformes aos que se usavam na década de 40.

Do tempo

O espectáculo inicia-se alguns minutos antes das 0 horas do dia 1 de Janeiro de 1940 e termina à meia-noite do dia 31 de Dezembro de 1949.

(Mas a história que nele se conta começou em 28 de Maio de 1926 e só viria a acabar em 25 de Abril de 1974.)

1.^a Sequência (1940)

O átrio do teatro está disposto por forma a representar a sala de baile de um clube ou restaurante onde vai comemorar-se a entrada do novo ano. Uma pista de dança ao centro, mesas em redor, uma orquestra sobre um estrado. Pendem serpentinas do tecto coalhado de balões, grinaldas enfeitam os lustres. Nas paredes, inscrições onde se lêem frases como «Feliz Ano Novo!», «Viva o Novo Ano de 1940!», «Boas-Festas», etc.

À entrada, será oferecido a cada espectador um saco com serpentinas, confetti, gaitinhas, línguas-de-sogra, narizes postiços, chapéus de cartão, etc. Misturando-se com os espectadores que vão entrando, os actores, já vestidos à maneira de 1940, preparam-se para celebrar a passagem do ano. Dança-se, formam-se cordões, atiram-se serpentinas, espalham-se papelinhos, tocam-se gaitinhas.

Um relógio enorme indica que faltam cinco minutos para a meia-noite. A orquestra toca música da época: sambas, marchinhas, rumbas, congas. À medida que os ponteiros se aproximam da meia-noite, os ruídos intensificam-se, a alegria aumenta.

Abrem-se garrafas de champanhe. De súbito, o ruído das rolhas que saltam e dos balões que rebentam transforma-se em explosões de bombas, granadas, obuses, rajadas de metralhadora. A música e a dança param abruptamente. Os gritos de alegria volem-se em gritos de horror e pânico.

Começam a ouvir-se, graves e espaçadas, as doze badaladas da meia-noite. A orquestra recomeça a tocar, os actores confraternizam de novo com o público, os ruídos evocativos da guerra são absorvidos pelo entusiasmo geral. Manifestações de alegria: «Bom ano! Felicidades! Um ano feliz! Boas entradas! Muitas felicidades!», ad libitum.

Enquanto se ouvem as badaladas da meia-noite, os actores conduzem os espectadores para o espaço (ou a sala) onde a acção passa a decorrer. A música de festa continuará a ouvir-se até os espectadores se instalarem, entrecortada agora pelo ruído constante e surdo de explosões. Nos écrans alternam imagens da passagem do ano (multidão nas ruas, pares dançando) com imagens de guerra (soldados atirando granadas, aviões em voo picado lançando bombas, corpos esfacelados, casas desmoronando-se, populações em fuga).

Acende-se um foco sobre uma cabina da Emissora Nacional, onde um LOCUTOR, diante do microfone, lê o seguinte texto:

LOCUTOR: Prezados ouvintes da Emissora Nacional, ao entrar o novo ano de 1940, desejamos a todos as maiores felicidades e venturas. Transmitimos a seguir a mensagem dirigida a todos os portugueses pelo Venerando Chefe do Estado, Senhor General Óscar Fragoso Carmona.

Imagens do general Carmona e das cerimónias de cumprimentos oficiais. Em fita gravada

ouve-se a voz do general Carmona, continuando a ouvir-se em segundo plano o ruído de explosões espaçadas.

CARMONA (off): «Como Chefe da Nação Portuguesa, saúdo comovidamente, no limiar do Ano Novo, a todos os portugueses. Onde quer que se encontrem e exerçam a sua actividade — no continente, nas ilhas, nos domínios ultramarinos ou em países estrangeiros —, sinto que a todos une o mesmo afecto a Portugal, todos vibram com o puro amor da nossa pátria, todos estão empenhados na mesma tarefa de engrandecimento nacional...»

Durante estas últimas palavras as luzes acendem-se gradualmente e cessa a projecção de imagens. Formando grupo — como num retrato —, aparece a família Meneses, no espaço que sinaliza a sua casa: o MENESES, a MULHER, o FILHO e a FILHA. MENESES terá 45 anos, a MULHER 40, os filhos 15 e 10.

MENESES: Meus filhos, este ano a vossa mãe e eu quisemos passar convosco esta noite, quisemos que estívéssemos todos juntos para saudar a entrada do novo ano. Porque este ano não é nem vai ser um ano igual aos outros...

FILHA: Porquê, papá?

FILHO: É por causa da guerra, aposto! No liceu disseram-me que este ano vai haver falta de tudo...

MULHER (assustada): Isto é verdade, Afonso?

MENESES: Não, meus filhos. A guerra, felizmente, está muito longe de nós. A Divina Providência deu-nos governantes que nos pouparam a esse flagelo... Este ano será diferente dos outros porque Portugal, a nossa querida pátria, festeja oito séculos de história...

A família imobiliza-se enquanto se reacende a luz da cabina e volta a ouvir-se o discurso do chefe do Estado, alternando agora as imagens da cerimónia de cumprimentos com visões de guerra e aspectos da passagem do ano.

CARMONA (off): «Celebramos a nossa festa quando a guerra aflige muitos povos e sobre todos se fazem sentir as graves repercussões do conflito. Não pode o facto deixar de comover-nos profundamente e de pôr entre a nossa alegria a tristeza e o amargor da Paz que a outros falta. Mas nós fazemos votos para que a Providência inspire os chefes e governantes de todo o mundo com sentimentos de justiça e de amor dos homens...»

As últimas palavras são inteiramente cobertas pelo ruído de explosões de bombas e rajadas de metralhadora, alternando a projecção de imagens de guerra e festejos da entrada do novo ano. Em dois extremos, o REPÓRTER 1 e o REPÓRTER 2 lêem telegramas e notícias, passando os ruídos a segundo plano.

REPÓRTER 1: A entrada do novo ano de 1940 foi muito festejada pela população lisboeta. As ruas, principalmente da parte baixa da cidade, encheram-se de gente, e ao bater da meia-noite soaram as buzinas dos automóveis e as sereias dos vapores do tráfego do Tejo.

REPÓRTER 2: Comunicado de guerra emitido pelo quartel-general do exército francês: «Noite movimentada, apesar do frio e da neve, na frente do Reno. Numerosas acções e recontros de patrulhas em vários pontos da frente. A artilharia de um lado e do outro interveio por várias vezes.»

REPÓRTER 1: Os restaurantes, cafés, clubes e hotéis encheram-se de famílias, que ali fizeram a tradicional meia-noite.

REPÓRTER 2: Durante a noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro, violento combate aéreo sobre o mar do Norte, entre cinco aviões ingleses e quatro alemães, dois dos quais foram abatidos.

MENESES: Num mundo em chamas, Portugal é uma ilha de paz. E em paz iremos comemorar os nossos gloriosos oito séculos de vida...

Encadeando com o final desta réplica, começa a ouvir-se — em gravação — a voz de Salazar, cuja imagem aparece, diversificada, em todos os écrans.

MENESES e a MULHER escutam-no, enlevados.

Os filhos, durante o discurso, adormecem.

SALAZAR (off): «... oito séculos da vida de Portugal — com seus reis e seus cavaleiros, seus descobridores e seus legistas, seus capitães e seus nautas, seus heróis e seus santos, sofrimentos e glórias, esperanças e desilusões. Passam séculos, e o português a expulsar o mouro, a firmar a fronteira, a cultivar a terra, a alargar os domínios, a apostolizar o Oriente, a colonizar a África, a fazer o Brasil — e ainda hoje tão simples e tão modesto que é pobre em face dos opulentos e fraco junto dos poderosos...»

A voz desaparece. As imagens cessam. MENESES indigna-se ao ver que os filhos estão a dormir.

MENESES: Mas o que é isto? Estão a dormir?!

MULHER: Coitadinhos, estavam tão cansados... E já é tão tarde...

MENESES (*enfático*): Hoje é uma noite especial. Diferente das outras. Começou o ano áureo de Portugal!

MULHER (*suspirando*): Antes tivéssemos ido os dois ao Clube Militar! As crianças ficavam com as criadas...

Em surdina, começa a ouvir-se música de dança — slows, tangos...

REPÓRTER 1: No Clube Militar a assistência, o que havia de mais selecto na capital, passou uma encantadora noite, realçada especialmente pela elegância das senhoras, que, com a sua graciosidade, emprestaram grande brilho e alegria à linda festa. Ao passar-se para o novo ano, os convidados festejaram-no com expansões de grande entusiasmo, que se traduziram em votos de prosperidade.

Sobre a música desfilam — como numa passagem de modelos — as «senhoras elegantes».

MULHER: O coronel Pestana tinha-nos convidado, íamos para a mesa dele... E eu estreeva o meu vestido de tafetá azul com rendas...

MENESES: Custava-me deixar os pequenos sozinhos. São eles que hão-de continuar-nos...

MULHER: E olha o resultado! Com a tua mania dos discursos, puseste-os a dormir!

MENESES (*vexado*): Se os não tratasses com tanto mimo, isto não se dava! É de pequenino que se forja o carácter dos que hão-de ser os homens de amanhã!

MULHER: Mas para isso têm eles a Mocidade Portuguesa!

Começa a ouvir-se o Hino da Mocidade Portuguesa. Projecção de imagens da Mocidade Portuguesa desfilando perante Salazar. Saudação nazi.

MENESES: Não basta. Lembra-te do que disse o Senhor Doutor Oliveira Salazar...

Gravação da voz de Salazar, continuando a ouvir-se em fundo o Hino da Mocidade Portuguesa.

SALAZAR (off): «Mais e melhor. *Mais*: da capital à província, da cidade à aldeia e ao campo; dos milhares às dezenas, das dezenas às centenas de milhares, até à integração completa neste movimento da nossa mocidade. *Melhor*: na cultura física, no cumprimento dos deveres, no amor da família, do trabalho e da terra, na disciplina e na devoção patriótica. *Mais e melhor*: mais até serem todos; melhor até serem um por Portugal.»

Após o discurso, cessam as imagens.

MULHER: Foi pena não termos ido ao Clube Militar. Sempre era uma noite mais divertida. O coronel Pestana e a mulher bem insistiram...

MENESES: Vai deitar os pequenos, vai...

A MULHER acorda os filhos e leva-os consigo, enquanto MENESES se encaminha para o espaço que representa a repartição.

Entretanto, começa a ouvir-se a Canção da Primavera do filme O João Ratão. Nos écrans, projectam-se imagens do filme, nomeadamente a sequência respeitante à canção.

Em vários pontos, por entre o público, surgem pares (do mesmo e do oposto sexo) que dançam sobre a música e se beijam, cantando o refrão:

«Anda o campo cheio, cheio, cheio, cheio,
da canção dos ninhos,
pares que se beijam, beijam, beijam, beijam,
quando estão sozinhos...
Tudo aqui nos fala, fala, fala, fala,
de um segredo amigo,
de um segredo eterno, terno, terno, terno,
que eu sei mas não digo...» (1)

Após o refrão, os pares saem mas a música continua em fundo, alternando as imagens «campestres» do filme com imagens de campos de concentração nazis.

MENESES já se encontra na repartição e discute com o COLEGA.

MENESES: Campos de concentração! Campos de concentração! Onde é que você leu essa?!

COLEGA: Ler não li, que a censura não deixa passar essas notícias. Mas basta ouvir à noite a BBC...

MENESES: Ah, você é dos que ouvem a BBC... É dos que acreditam nas patranhas dos ingleses...

COLEGA: Os ingleses são nossos aliados, e se não me engano o doutor Salazar nos seus discursos tem-se referido à nossa fidelidade à aliança inglesa... Ou terei entendido mal?

MENESES: Pois sim, pois sim... Você está a ver se me troca as voltas... Mas sermos neutrais é uma coisa e engolir a propaganda que nos querem impingir é outra...

COLEGA: E é propaganda ter sido a Alemanha que invadiu a Checoslováquia, a Polónia, a Dinamarca, a Noruega? As perseguições aos judeus, aos escritores, aos artistas?

(1) Versos de João Bastos, música de António Melo.

MENESES: Os judeus são os responsáveis pelo descalabro económico da Europa. E esses artistas e escritores de que você fala são meia dúzia de degenerados, ao serviço do bolchevismo e da maçonaria...

projecção de retratos de intelectuais perseguidos pelo nazismo: Thomas Mann, Einstein, Brecht, Fritz Lang, George Grosz, Kurt Weill, Paul Hindemith...

COLEGA: Para si, Meneses, nada disso é propaganda, pois não?...

Foco sobre a cabina da Emissora Nacional.

LOCUTOR: Transmitimos a seguir o importante discurso que Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho ontem proferiu na sala do Conselho de Estado, durante a reunião das Comissões da União Nacional de Lisboa.

Gravação do discurso de Salazar.

SALAZAR (off): «Entendamo-nos primeiro sobre o significado ou conteúdo da propaganda que se encontra na base de toda a actividade política [...] Em ocasiões diversas devo ter proferido duas frases, que uma à outra se completam e traduzem o que acerca deste assunto poderia dizer: "Politicamente só existe o que se sabe que existe, politicamente o que parece é."»

COLEGA: É você quem tem razão, Meneses. Os jornais não falam nos campos de concentração nazis, logo, não existem. O governo proclama a neutralidade, logo, somos um país neutral...

Continua a gravação.

SALAZAR (off): «... É um equívoco julgar-se que os papéis clandestinos que os soviets pagam e os ingênuos lêem têm alguma coisa que ver com o verdadeiro estado da consciência nacional.»

Distribuição de panfletos pelos espectadores. Projecção dos títulos de alguns: «A verdade acerca da política externa de Salazar»; «O governo é cúmplice dos assassinos fascistas»; «Os campos de concentração nazis, campos de morte e de extermínio» ...

Agentes à paisana da PIDE entram, prendem e levam consigo os distribuidores de panfletos. Alguns conseguem escapar-se.

A partir deste momento, dois agentes estarão permanentemente em cena, vigiando, anotando o que se passa, passando entre as personagens e os espectadores, intervindo sempre que for indicado. Prossegue o discurso.

SALAZAR (off): «Quando miasmas invadem a atmosfera e tornam doentio o ar que se respira, convém sobretudo atacar os focos de infecção, varrer com rajadas de ar fresco o ar apodrecido, fazer entrar o sol a jorros nos lúgubres lugares...»

Entra na repartição o CHEFE, que traz consigo o Diário da Manhã e o exhibe, eufórico.

CHEFE: Que discurso, meus amigos, que discurso! Você ouviu, Meneses? (Para o COLEGA:) A si não pergunto, já sei que é do contra. Acha tudo mal. Já não se lembra do que era este país antes de a divina Providência nos dar este homem de génio, que se sacrificou pelo bem

de todos nós... E a quem devemos este orgulho de sermos independentes ao cabo de oito séculos de história!...

Em casa da família Meneses, a MULHER acaba de vestir os filhos, fardados da Mocidade Portuguesa. Entra MENESES, apressado, nervoso, enquanto nos écrans se projectam imagens da Exposição do Mundo Português. Fundo sonoro de hinos e marchas.

MENESES: Está tudo pronto? Não temos tempo a perder. O cortejo começa daqui a pouco mais de uma hora. E daqui até Belém, com o trânsito que deve haver...

MULHER: Não me enerves com as tuas pressas. A tratar dos pequenos, mal tive tempo de me arranjar.

FILHO: Ó pai, vou ter tanto calor com esta farda! É tão quente!

MENESES: Devias sentir-te orgulhoso de a vestir! Pena tenho eu de o meu terço da Legião não tomar parte no desfile!

O CHEFE DA REPARTIÇÃO, fardado de legionário, passa entre o público. Desfile da Legião Portuguesa. Saudações nazis. Em tom crescentemente agressivo, ouve-se várias vezes, entre as réplicas seguintes, uma voz que pergunta: «Portugueses! Quem manda?» e um coro que responde: «Salazar! Salazar! Salazar!»; depois, a mesma voz: «Portugueses! Quem vive?», e o coro: «Portugal! Portugal! Portugal!»

MULHER: Havias de ficar bonito fardado, com esse teu físico!

MENESES (*vexado*): O meu chefe, o doutor Noronha, é mais gordo e mais baixo do que eu, e vai hoje desfilar!

Nota final

As fontes consultadas, e de onde provém a maior parte das citações incluídas no texto deste espectáculo, foram os Discursos e Notas Políticas de Oliveira Salazar (3.º e 4.º Volumes), os Discursos Históricos relativos aos anos de guerra (4 volumes), a crónica de Rocha Martins Lisboa: História das Suas Glórias e Catástrofes, os diversos volumes editados pelos Serviços da Candidatura do General Norton de Matos, o 2.º volume da História de Portugal de Oliveira Marques, A Resistência em Portugal de José Dias Coelho, As Eleições no Regime Fascista e a imprensa da época, em especial o Diário de Notícias, o Diário da Manhã e o República.

Incluíram-se igualmente citações de poemas de José Gomes Ferreira e Adolfo Casais Monteiro, trechos das peças Electra e os Fantasmas de Eugene O'Neill, Antígona de Júlio Dantas e de Jean Anouilh, A Casa de Bernarda Alba de Garcia Lorca, e das revistas O Zé Povinho de Alberto Barbosa, José Galhardo, Fernando Santos e Almeida Amaral, O Bacalhau a Pataco de Fernando Ávila e Xavier de Magalhães, Travessa da Espera de Vasco Matos Sequeira, Fernando Santos, Almeida Amaral e Antó-

nio Cruz, Se Aquilo Que a Gente Sente de Alberto Barbosa, José e Luís Galhardo e Vasco Santana, Ora Agora Viras Tu! de Carlos Lopes, e canções dos filmes O João Ratão, O Pátio das Cantigas, O Costa do Castelo, e Capas Negras e das revistas Manda Ventarolas!, De Fora dos Eixos, Há Festa no Coliseu, Sempre em Pé! e Feira da Avenida, além das Marchas da Mocidade Portuguesa e de Lisboa e duas Canções Heróicas (Acordai e Jornada) de José Gomes Ferreira e Fernando Lopes-Graça.